

.: Editorial

Boletim novo no ar com valor de “boas-vindas” aos trabalhos de 2026!

Os Institutos do Campo Freudiano cumprem um importante papel na transmissão e difusão do ensino de Lacan no mundo. Neste décimo segundo Conect-a, os textos apresentam o desenho que surge por efeito do trabalho de construção cotidiana realizado na vida do CLIN-a, para mantê-la à altura de seus propósitos.



Fonte: <https://pixabay.com/pt/>

Neste boletim poderão notar o diálogo assíduo que o Instituto sustenta entre a teoria e a prática clínica, através dos dispositivos que compõem a estrutura de seu ensino. Estrutura esta que se propõe sempre aberta à revisão, acessível, ou seja, que permite a cada um interessado pela psicanálise, pouco a pouco ir descobrindo um caminho a ser trilhado na Orientação Lacaniana. Vocês poderão escutar como se desenrola, através de cada **pílula**, a experiência de pesquisa de três núcleos em diferentes momentos de funcionamento.

Um segundo aspecto recolhido é o olhar sensível que, ao ser reintroduzido na cena da cidade, renova a importância de a psicanálise manter sua correspondência com as disciplinas e perceber neste gesto o que a psicanálise aprende com a literatura e qual o efeito dos discursos em cada uma delas. Neste número, literatura e arte despertam através da seção **radar** e **biblioteca**, uma pergunta: qual a particularidade do encontro entre as disciplinas para a prática do Instituto? Será necessário abertura para localizar a cada vez, e não de uma só vez, como a transferência de trabalho e o desejo de saber se articulam.

Pílulas

Neste número, faremos uma breve imersão nos núcleos de pesquisa do Instituto. Vale destacar a importância que se dá à eleição de um texto de orientação e como ele provoca questões que incidem no coração da prática clínica e deste modo produzem avanços.

A Apresentação de pacientes ocupa um lugar central, pois nela, testemunhamos o ensaio para formalizar o que há de mais singular na experiência clínica. No núcleo: “Apresentação de pacientes e psicoses”, Rubens Berlitz escreve em seu texto: “O que pegamos no ar, o que salta

aos ouvidos e voa em nossa direção, é possível captar por ressonância a partir do percurso de cada um na sua relação com o inconsciente.”

Georgia De Sordi traz um pequeno relato sobre o núcleo “Ciranda- Campinas”: “Os integrantes do núcleo são tocados pela experiência com crianças. Nem todos que participam do núcleo praticam a psicanálise com crianças, mas todos ocupam a posição de analisante e foi a partir desta posição que as conversas aconteceram.” Neste relato ela parece balançar os significantes: “aluno”, “professor”, “associado”, “coordenador” e realçar o valor no trabalho Entrevários. Posição analisante nos adverte sobre o lugar do mestre.

James A. Moura Valeriano do núcleo “Psicanálise, corpo e medicina” carrega em suas palavras uma pergunta que aponta um norte: “Como tornar uma citação, tão instigante, uma pergunta para se investigar? ”.

Radar

O texto sensível de Heloisa Silva Teixeira nos transporta para um estado de poesia, não sem suscitar o estatuto do sintoma: “Pode ser que na escrita se procure um nome para esta perda ou para o que vem depois da perda e que fica como inominável no corpo e na temporalidade, porém, não sem o Outro.”

Biblioteca

Camila Popadiuk apresenta “Leituras na cidade!”. “Ela nos diz que, para Lacan: [...] “A literatura, em particular, foi para ele uma via privilegiada de elaboração conceitual, permitindo-lhe desenvolver noções fundamentais da teoria psicanalítica.”

Por fim convido a cada um para entrar na surpresa preparada pela **biblioteca** e eleger o que da **agenda** ficará gravada em sua própria. A extensão territorial do Instituto é grande para que você possa encontrar um lugar e tecer laços. O território inconsciente segue sendo o marco zero e as pulsões, ah as pulsões nunca envelhecem!

Boa leitura!

Emelice Prado Bagnola

**Comissão: Maria Veridiana Sampaio Paes de Barros (Coordenadora),
Luiza Gerace, Fábio Saad e Paula Maia**

:: PÍLULAS DO INSTITUTO

Apresentação de Pacientes: O que se aprende “pega-se no ar”

Lacan não professa nenhum ensino neste lugar. O que se aprende, capta-se por roubo, pela boca de um ou de outro e jamais pode-se estar muito certo de se ter em mãos alguma coisa ou nada.¹

A epígrafe acima sempre me intrigou. Na tradução brasileira do texto de Miller, consta que “o que se aprende [em uma apresentação de paciente], *capta-se por roubo*”². Já no texto em francês temos “*au vol*”, que podemos traduzir como “no ar”. Então, pergunto-me o que roubamos daquele que nos ensina como se virar com o real. E dos colegas, como participantes, roubamos o quê?



Fonte: <https://pixabay.com/pt/>

Roubar, do verbo “volar”, em francês, significa, apropriar-se de um bem alheio, mediante violência, ameaça ou fraude, com o intuito de apropriação ilícita. Neste sentido, não é o que ocorre neste dispositivo. Podemos sim, “pegar no ar” alguma coisa, mais próximo de voar, “volar” em francês. O que pegamos no ar, o que salta aos ouvidos e voa em nossa direção é possível captar por ressonância a partir do percurso de cada um na sua relação com o inconsciente. O resultado é o encontro com um saber vivo, sempre renovado a cada entrevista.

Então, “Vou-ler” assim, como algo que “se pega no ar”, num voo/salto e não pegar por assalto. Roubar me parece um tanto agressivo e invasivo, um prato cheio para os detratores de uma prática que Lacan e, agora, nós da Orientação Lacaniana, tentamos, a duras penas, sustentar. São pedaços da língua do outro que nos atravessam, onde somos mais capturados do que capturamos, somos surpreendidos e nos dividimos subjetivamente.

Tomo a fala de Jean-Claude Stavy, em uma apresentação de paciente, ao dizer que “uma tradução é uma passagem de um enigma do corpo, em uma língua, em linguagem. Uma tradução

1 Miller, J-A. (1996) Lições sobre a apresentação de doentes. In: Matemas 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.138.

2 Ibid.

deve ressoar como um enigma, e não explicar o enigma”³. Este é um ensino que ressoa e, como diz o próprio Lacan: “se compreendo, eu passo, não me detenho nisso, visto que já compreendi”⁴.

A discussão, logo após a entrevista, consiste em recolher dos participantes e do entrevistador o que aprenderam. Sim, é o paciente que nos ensina, “a psiquiatria propõe certos números de tratamentos [talvez nas entrevistas psiquiátricas se roube algo]. Os psicanalistas aprendem com o paciente sobre o seu ponto incurável, seu ponto intratável”⁵, tentando encontrar o seu ponto de real e os seus pequenos achados, as suas pequenas invenções.

A ética do entrevistador orientado pela psicanálise não é a daquele que tem as respostas; o psicótico, não quer saber das respostas do analista. As respostas ele as tem, porém não as entende. Com Lacan, aprendemos que a interpretação (intervenção) deve visar o essencial no jogo de palavras para não alimentar o sintoma⁶. Neste sentido, uma nomeação é suficiente para incidir sobre a pulsão, moderando o gozo e possibilitando um outro tipo de transferência com a instituição. Para tanto, será necessário que o entrevistador busque sempre “*Quem fala?*”⁷, para que o sujeito se posicione frente a seu gozo a partir de uma enunciação.

Este parece ser o caso de uma paciente que ao falar de sua posição de isolada/excluída da família, a analista, sinaliza: “*excluída*”. A paciente consente e diz: “*É, esta seria palavra*”. “*Eu acho que eu me preparei pra ser excluída*”. A analista, então, afirma: “*É uma frase importante esta. Algo nas suas escolhas te levou a essa exclusão. As suas próprias escolhas, não as da sua mãe*”. A paciente mais uma vez concorda e diz: *é, as minhas escolhas são minhas mesmas. Eu escolhi. Eu escolhi, mesmo sabendo que ia contra, mas eu optei por escolher*”⁸.

Nesta mesma entrevista, a paciente nos ensina sobre uma pequena invenção, precária e temerosa, para tratar o real e se afastar da posição de objeto gozado.

Nos momentos de muita perturbação, ela é capaz de fazer qualquer coisa, então, descobre que o fogo a faz retornar à realidade. Ela não sai de casa sem algo que possa pegar fogo. Acredita

3 Apresentação de pacientes realizada por Jean-Claude Stavy, na Clínica Vera Cruz em São Paulo, em 20/09/2013

4 Lacan, J. (1955-1956). O seminário, livro 3: As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.60

5 Ibid.

6 Lacan, J., Miller, J-A. (1974) A terceira: Teoria de Lalingua. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2022. p.42

7 Berguer, V. (2020) Encuentros, contingencia y singularidad, de hoy y de ayer. In: *Fundamentos de las Entrevista Clínicas de Orientación Lacaniana*. Cidade do México: Ediciones Parole, p. 26.

8 Entrevista realizada por Ligia Gorini, em 12/09/2025, no Hospital do Servidor Público Municipal – SP, em 12/09/2025.

que se for revistada e tiver apenas fósforo ou isqueiro, podem desconfiar de suas intenções. Inventar um “Kit Sobrevivência”, mesmo sem fumar, tem sempre um maço de cigarros e uma caixa de fósforo, afinal, um fumante não pode ser acusado de querer atear fogo.⁹

Em uma apresentação de paciente, ao ser ofertada a palavra ao psicótico, pode-se provocar certa confusão, graça ou angústia em quem o escuta. No dispositivo da apresentação de pacientes, ao acolher os ditos sem-sentido do sujeito, não se propõe oferecer sentido a eles - o que pode gerar nos participantes certa confusão, embaraço - mas apenas seguir o que ressoa do discurso do paciente tem efeito de formação.

Rubens A. Fogassi Berlitz
Associado ao CLIN-a

9 Ibid.

Ciranda Campinas: um breve relato

O Ciranda Campinas iniciou suas atividades em agosto de 2025, propondo investigar, no que concerne à prática com criança e adolescente, o modo como se constrói um caso clínico na contemporaneidade, com acento naquilo que há de novo. Essa pergunta já abre uma investigação, pois não é somente o novo que se apresenta a cada época. Há de se localizar o que há de novo do contemporâneo que incide na prática clínica, na relação de cada criança com seus pais, nas demandas destes ao analista, nos arranjos familiares etc. O novo trouxe consigo um coletivo de pessoas tocadas por esse atual que ressoa no trabalho com criança. Nem todos que participam do núcleo praticam a psicanálise com criança, mas todos ocupam a posição de analisante e foi a partir desta posição que as conversas aconteceram. Fundamental ressaltar que a atividade foi essencialmente presencial.

O texto que nos orientou ao longo do semestre foi “Pais exasperados - crianças terríveis”, de Daniel Roy. Ao longo dos encontros, várias discussões foram suscitadas, num diálogo estreito com o texto, como, por exemplo, o tema da adultização da criança, tão discutido nas mídias sociais, a proliferação de especialistas que se apresentam como aqueles que detêm o saber sobre a criança, os significantes que circulam na mídia e que são repetidos pelos pais e pelas próprias crianças (alta performance, TEA, neuro divergente, educação neuro compatível etc.). Cada um dos participantes trazia uma questão que gostaria de aprofundar e investigar. Logo de início surgiu uma pergunta proferida por um dos membros do Núcleo: *é possível tratar a criança sem tratar os pais?*

Daniel Roy inicia seu texto extraindo de sua clínica o lugar que a crise aparece, tanto na demanda dos pais exasperados quanto no dizer da criança ao analista: *“por que não dou ouvidos à mamãe e ao papai?”*. O autor marca que é “a crise que se encontra no próprio fundamento



Fonte: <https://pixabay.com/pt/>

1 Roy, Daniel. (2023) *Pais exasperados - crianças terríveis*. In: Cien digital #25. Disponível em: <https://share.google/XYgV5ErO3DJDsmb58>. Acesso em 25/02/2026.

da família”. Como ele diz, a criança-terrível, aquela que tem crises, aparece como condensador de gozo para cada um da família. O ponto aqui a destacar é o novo lugar da família, na medida em que “a família não é mais um significante dado de antemão como inscrito no simbólico, seja por filiação, seja por aliança”. Portanto, frente ao mal-entendido estrutural do nascimento, no qual de um lado estão dois seres falantes que não falam a mesma língua e, de outro, a criança, e, na intersecção deles, o gozo cercado por seu mal-entendido e pelas algarvias, Roy diz que o problema não são os diversos arranjos familiares e, sim, em como os falasseres inscrevem ou não o significante família, sendo que o gozo está aí em todas as suas formas de ideal.

O texto de Daniel Roy é um texto que orienta nossa prática com crianças e nos adverte. Sobre o tratamento da criança, adverte que ela deve sempre ser escutada em seu dizer singular e que a família, cada família, deve ser apreendida em sua própria língua na medida em que ela já “é um modo de tratamento do gozo dos corpos falantes e que não responde a nenhum ideal”. Roy traduz isso na lógica do não-todo, tanto para a criança quanto para a família. A criança, portanto, sendo tomada como *não-toda* dependente das identificações familiares, do amor filial ou parental, “ou seja, ser capaz de explorar seus lados menos amáveis”.

Pontuo algumas partes do texto de orientação, porque, apesar de já tê-lo lido anteriormente à minha participação deste núcleo, ele adquiriu um valor de pesquisa, na medida em que eu era tocada, em cada encontro, por questionamentos da minha própria clínica. Esse efeito não se deu somente sobre mim. Em alguns momentos, chegamos a compartilhar algumas situações clínicas pelo fato de elas serem desafiantes ou para exemplificar algum ponto do texto. Como ler uma criança, compreender seu lugar na família, seus S₁, são questões que nos acompanham em nossa prática, e que no núcleo se corporificaram em uma troca muito animada em um trabalho entre vários. Para encerrar o nosso trabalho do semestre, discutimos o filme “Precisamos falar sobre Kelvin”.

Georgia De Sordi
Associada ao CLIN-a

Breves notas sobre o Corpo, em questão

Ao longo dos últimos anos, eu e meu colega que coordenamos o núcleo de pesquisa “Psicanálise, Corpo e Medicina” temos tomado a comunicação de Lacan aos médicos de Pitié-Salpêtrière¹ como um texto fundador desse campo de investigação. Mas talvez, hoje, seja possível fazer uma redução deste em algumas linhas, uma vez que a palestra de Lacan não é propriamente uma pergunta que nos norteia. Cito: “Um corpo é algo feito para gozar, gozar de si mesmo.”²



O que se colocou para o núcleo foi:
como tornar essa citação, tão instigante, uma pergunta para se investigar?

Fonte: <https://pixabay.com/pt/>

Ocorreu também que, ao longo desses anos de trabalho, o núcleo vem contemplando um conjunto de participantes um tanto heterogêneo, desde interessados na psicanálise, até alunos com um percurso mais consistente na orientação lacaniana. Desta forma, como poderíamos sustentar o vazio necessário para não ceder ao empuxo ao saber exposto, que é mais apropriado aos cursos? Como poderíamos introduzir uma conversação tendo como base os textos de Freud e Lacan, principalmente; com fins de se produzir uma pergunta? Para ilustrar nosso impasse nessa construção, recorro ao encontro e reflexões de Silva Sato³, que, mencionando Éric Laurent, nos esclarece sobre encontrar a cada vez a pergunta que vem a responder a noção ensinada.

Assim, penso que talvez tenha sido necessário criar condições para que uma investigação ocorresse, para se fazer uma questão em torno do corpo, na psicanálise. Uma vez que na orla do século XXI não restou lugar algum da psicanálise na medicina, nem como marginal! Estamos testemu-

1 Lacan, J. “O lugar da psicanálise na medicina”. In: Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. São Paulo, nº32, dezembro. 2001, pp.8-14.

2 *Ibidem*.

3 Sato, S. “Sobre os Núcleos de Investigação do CLIN-a”. Boletim Conect-a, São Paulo, nº06.

nhando esse fato, com muita preocupação, acerca da discussão que vem ocorrendo na França, para expulsar a psicanálise como uma possibilidade de tratamento para o autismo. Então, não há lugar e não há relação da psicanálise com a medicina, mas há o corpo que sofre, que padece, que faz peregrinações entre médicos, psicólogos e analistas, um corpo que escapa às tentativas de quantificações, condicionamento e adestramento, que insiste em ter uma história singular para ser contada.

Desta forma, entendemos que o conceito freudiano das pulsões poderia criar essas condições para fazermos a pergunta ao “corpo que goza de si mesmo”. Vejamos de que maneira.

Freud nos precisou sobre esse conceito fundamental: “Se agora nos dedicamos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, um instinto nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.”⁴; e Miller com Lacan interpretou: “A pulsão, em Freud, conceito limite entre o psíquico e o somático é transcrita na problemática de Lacan também como conceito limite entre o simbólico e imaginário”⁵, concluindo, assim, que a pulsão manifesta o que há de desnaturado no organismo humano.

No último ano, após o estudo das pulsões em “Inibições, Sintomas e Ansiedade”⁶, entendemos que o que deduzimos a partir desse estudo é o passo para o “Seminário, livro 10: A angústia”, de Lacan, um passo para além do complexo de castração, que marca o texto freudiano pesquisado.

Neste Seminário, investigaremos sobre esse pedaço que se destaca do corpo, um pedaço que não pode ser especularizável, nem saturado pelo simbólico, o objeto a ; voltamos ao que não pertence nem ao mental, nem ao somático, como quis Freud. Com esses elementos circunscrevemos nossa pergunta: como responder aos impasses apresentados pelos sujeitos diante do mercado de adequação e otimização da performance do corpo, tendo em vista que o corpo sempre escapa?

James Alberto de Moura Valeriano
Associado ao CLIN-a

4 Freud, S. “Os Instintos e suas Vicissitudes” (1915). Rio de Janeiro. Imago. 1996. p.123. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV).

5 Miller, J-A. “Silet: Os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan”. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 2005. p.103.

6 Freud, S. “Inibições, Sintomas e Ansiedade”(1925). Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.95 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XX).

: RADAR

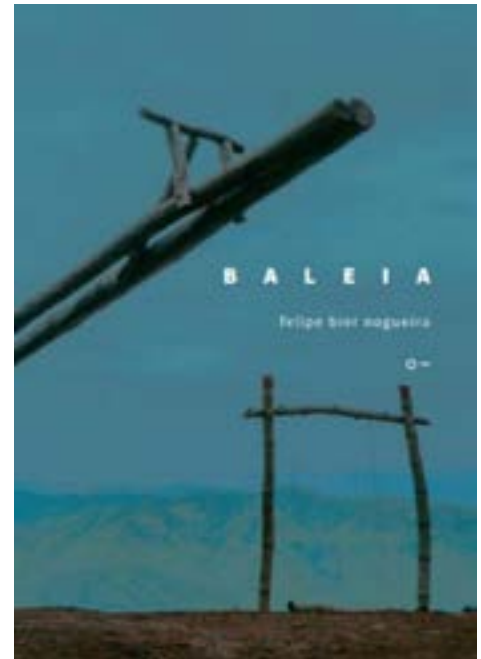
Pegadas de um encontro

*o bote encena
o que de humano há
no enlace dos corpos*

A comissão do Boletim Conect-a do CLIN-a, me fez o convite para escrever - na seção RADAR - sobre as ressonâncias do lançamento do livro *Baleia*, de Felipe Bier Nogueira. Uma façanha que aceito prontamente! Lembrei-me de Pierre Naveau: “Para que haja encontro, é preciso pôr nele algo de seu”¹. Perguntei-me o que aconteceria por ocasião do encontro da poesia e do poeta, não sem a psicanálise e os psicanalistas. Seria da ordem de um acontecimento? Muitos colegas, assim como eu, deslocaram-se de suas cidades para tal celebração e testemunharam o que deste encontro poderia produzir como efeitos de acontecimento de corpo. A escrita, como um “fato bruto”, diz Duras², estreia no livro *Baleia* e põe em ato, pela primeira vez, o ator/autor debutando no palco da Livraria Bandolim, em São Paulo, com seus leitores de poesia e psicanálise bebendo da mesma fonte do desejo.

Deste romance, escreve-se como inédito, no um a um, a contingência do encontro amoroso, que é sempre novo. O espaço de conversa teve uma pegada com a psicanálise, inundado pelo poético e por palavras de amor. Com um toque de simbólico, a conversa trouxe algo de uma orientação para o real, e me fez pensar na contingência do encontro amoroso como acontecimento de corpo no campo do real sem lei.

Alguns versos foram lidos como um cântico que atravessa o tempo e o objeto voz, como borbulhas de sabão, ao tentar dar forma ao indizível do amor. No poema, *Speak of the devil*³, lê-se



Fonte: arquivo CLIN-a

1 Naveau, P. (2017) O que do encontro se escreve: estudos lacanianos. Belo Horizonte: EBP Editora, p. 34.

2 Duras, M. (1993). Escrever. Belo Horizonte: Relicário, 2021. p.34

3 Nogueira, F. (2025) Baleia. – Cotia: Urutau, p.73

os significantes na superfície do real, que se fazem escutar como barulhos da língua, aludindo ao XXVI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano BARULHOS DA LÍNGUA: A interpretação entre a fala e a escrita, que acontecerá esse ano de 2026:

para amar
uma palavra deve
fazer-se torção

E, como o que resta de uma impossibilidade simbólica, emergem de uma falta e carregam um luto do objeto, ali onde “os pininhos não se encaixam nos buraquinhos”⁴, revelando o furo da não relação sexual. O encontro com *Baleia* teria respondido ao clamor da escrita de “um livro que se escreve do miolo”⁵, desse lugar vazio de uma perda, por onde o leitor faz par com o autor. Pode ser que na escrita se procure um nome para esta perda ou para o que vem depois da perda e que fica como inominável no corpo e na temporalidade, porém, não sem o Outro. Lugar por onde uma cadeia/série começa, em que a perda apaga o Um até o zero, princípio mesmo da associação livre. Esse Um é posto em trabalho na análise e na escrita, fazendo emergir uma erótica. Há encontro no campo da escrita como causa de desejo, ali onde o escrito, até então isolado da linguagem, indica o não há e o sujeito separado do Outro. Portanto, se escreve onde algo se rompe. Será que o fio que se puxa em uma análise e talvez numa escrita seria da ordem da contingência do encontro entre S^1 - S^2 ou de S^1 com o gozo, no campo do real sem lei?

No poema *Dezembro*⁶, quando um verso puxa o fio tênue do desejo e do gozo, algo parece se escrever no corpo:

eu desejei você
que viesse
em ato louco

Dentre outras ressonâncias do encontro, em que a escrita fez afecções, toca-me algo da provocação de Janaina Veríssimo na conversa α -fiada e animada com o autor, ao puxar outro fio de ouro, com um fino toque lacaniano: “Como o leitor também afeta, neste encontro, o autor?”. Como um voo sobre a letra na imagem de uma pipa e para que essa escrita seja exclusivamente minha, endereçada aos leitores do Boletim, finalizo com algumas palavras do autor recolhidas ao vento, a partir dessa provocação.

4 Lacan, J. (2005). Seminário 10. A angústia. Rio de Janeiro: Zahar. p.23

5 Nogueira, F. (2025) *Baleia*. – Cotia: Urutau, p.83

6 Ibid. p. 15.

A obra e a presença do leitor tratam o autor naquilo que particularmente Felipe nomeia como delírio na escrita e suas modulações. O leitor afeta a obra não só na maneira como o autor delira, mas no que há de surpreendente no lançamento da obra. Também, num delírio contido na própria escrita, há o momento da separação do Um, que toma corpo sob o objeto voz e que retorna desde o lugar de objeto separado da escrita.

Assim, como fruto de um tratamento desse delírio, *Baleia* permite o deslocamento de uma posição subjetiva do autor, em que o leitor já não se apresenta mais como esse Outro sem rosto e sem gozo, quase que portando uma verdade, mas como aquele cuja voz retorna afetando a obra até um consentimento de que esse leitor experimente satisfação com os dejetos do autor. Segundo Felipe, o autor é isso que se faz entre a obra e o leitor, e a escrita, numa dimensão narcísica, situa-se numa certa repetição desse lugar do estádio do espelho. No encontro, algo se verificou de um desinvestimento do delírio, que retornou para o autor como gozo da escuta, não sem efeitos de acontecimento de corpo.

Podemos dizer que *Baleia* encontra seu destino no próprio autor, ao deixar-se invadir pelo que, da obra, resiste à sua interpretação?

Heloisa Silva Teixeira
Associada ao CLIN-a

.: BIBLIOTECA

Leituras na cidade

A Comissão de Biblioteca do CLIN-a dará início à atividade **Leituras na cidade**, dedicada à leitura e discussão de textos literários que serviram de referência para Freud e Lacan.

Desde Freud, reconhecemos a importância fundamental da literatura na formulação de conceitos da psicanálise, bem como sua inspiração na crítica cultural de sua época. Em seu texto “Psicanálise e Universidade”,¹ Freud afirma que a psicanálise “forneceu valiosos esclarecimentos e pontos de vista para a história da literatura, mitologia, história da cultura, filosofia da religião”.² A este respeito, podemos acrescentar que o contrário também é verdadeiro: a psicanálise se enriquece no diálogo com outros campos de saber, avançando em suas próprias elaborações e estabelecendo com eles “uma relação mais estreita através de *universitas literarum* [...]”.³

Lacan, por sua vez, recorreu a diversas disciplinas - linguística, filosofia, etologia, lógica, topologia, literatura, entre outras - não apenas como fonte conceitual, mas também como material clínico, no esforço de formalizar a psicanálise. A literatura, em particular, foi para ele uma via privilegiada de elaboração conceitual, permitindo-lhe desenvolver noções fundamentais da teoria psicanalítica.

Neste sentido, “a articulação com as ciências afins⁴ ou, como sustentou Jovita Carneiro de Lima, com as “disciplinas necessárias à transmissão”⁵ é um “diálogo [...] [que funda] um modo de



Fonte: pixabay.com/pt/

1 FREUD, S. Psicanálise e Universidade (1919). In: BATISTA, M.C; SILVA, R.F. (org.). *A transmissão da psicanálise no Instituto: a experiência do CLIN-a*. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

2 FREUD, S. Psicanálise e Universidade (1919). In: BATISTA, M.C; SILVA, R.F. (org.). *A transmissão da psicanálise no Instituto: a experiência do CLIN-a*. Belo Horizonte: Relicário, 2019. p. 38.

3 *Ibidem*.

4 LACAN, J. Ato de fundação (1964). In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 238.

5 CARNEIRO DE LIMA, J. Das disciplinas necessárias à transmissão. *Entrevários*, nº 18, p. 65, 2020.

transmissão onde a interlocução com outros campos de saber coloca à prova os conceitos da psicanálise”⁶ e, ao mesmo, tempo, faz presente a psicanálise no mundo. Daí o nome **Leituras na cidade**. Trata-se de encontros pontuais, realizados em São Paulo e nas cidades onde se localizam as unidades do CLIN-a, voltados à discussão de textos literários de referência para a psicanálise.

O objetivo é incentivar o contato direto com algumas dessas referências, mantendo aberta a perspectiva da psicanálise em sua articulação com as ciências afins, em especial a literatura. Busca-se, assim, contribuir com a vertente teórica do tripé da formação, fazendo valer um trabalho de extensão da psicanálise. Afinal, “é no próprio horizonte da psicanálise em extensão que se ata o círculo interior que traçamos como hiância da psicanálise em intensão”.⁷

1º encontro: Apresentação da obra literária *Édipo Rei*, de Sófocles, conduzida por Camila Popadiuk

Data: 23/5/2026

Local: Livraria das Perdizes – R. Bartira, 317 – Perdizes – São Paulo

Horário: das 10h às 12h

Convidada: Cássia Maria Rumenos Guardado

Atividade aberta e gratuita

Em breve mais informações!!!

Camila Popadiuk
Diretora Presidente
Coordenadora da Comissão de Biblioteca

6 *Ibidem*.

7 LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 (1967). In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 261.

COMUNICADO IMPORTANTE

Assunto: Recolhimento e Suspensão da Comercialização da Obra “BLEULER, FREUD, LACAN e MILLER – Da interlocução entre psiquiatria e psicanálise à psicose ordinária”

O **Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade – CLIN-a** informa ao público que a obra “BLEULER, FREUD, LACAN e MILLER – Da interlocução entre psiquiatria e psicanálise à psicose ordinária”, de autoria de Rômulo Ferreira da Silva, Maria do Carmo Dias Batista e Camila Colás, teve seus exemplares recolhidos do mercado e sua comercialização suspensa, desde 28 de outubro de 2025.

A medida visa a realização de adequações e aprimoramentos editoriais necessários. Nosso compromisso é garantir a mais alta qualidade e precisão em todas as nossas publicações.

O CLIN-a e os organizadores estão trabalhando diligentemente para que as revisões sejam concluídas o mais breve possível, e uma nova edição, devidamente ajustada, possa ser disponibilizada ao público.

Novas informações sobre a data de relançamento e os procedimentos para troca ou aquisição da versão atualizada serão comunicadas oportunamente em nossos canais oficiais.

Agradecemos a compreensão e o apoio de todos.

Atenciosamente,

Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade
Diretora Presidente Camila Popadiuk

.: AGENDA

CURSOS COMPLEMENTARES

SEDE - SÃO PAULO

UM ESTUDO DAS PULSÕES EM FREUD

- Coordenação: Fátima Luzia
- Datas: 13/03/2026, 27/03/2026, 10/04/2026 e 24/04/2026
- Horário: das 14h às 15h30

CASOS CLÍNICOS CLÁSSICOS DE FREUD

- Coordenação: Silvana Sbravati
- Datas: 11/03/2026, 25/03/2026, 08/04/2026 e 22/04/2026
- Horário: 10h30 às 12h00

UNIDADE - CAMPINAS

A CLÍNICA DO ATO: ATO FALHO, ACTING OUT, PASSAGEM AO ATO E ATO ANALÍTICO

- Coordenação: Emelice Prado Bagnola Docentes: Claudia Regina Santa Silva, Emelice Prado Bagnola, Georgia De Sordi, Guilherme Pimentel e Laura Mansin
- Datas: 06/03/2026, 20/03/2026, 10/04/2026 e 24/04/2026
- Horário: das 18h às 19h30

DO MAL-ESTAR À POLÍTICA DO SINTOMA: O DISCURSO ANALÍTICO NOS TEMPOS QUE CORREM

- Coordenação: Camila Morelli Professores: Camila Morelli, Claudia Santa, Hector Trinca Espagnoli, James Alberto de Moura Valeriano e Tatiana Vidotti
- Datas: 13/03/2026, 27/03/2026 e 17/04/2026
- Horário: das 18h às 19h30

ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER – UM RETORNO A FREUD

- Coordenação: Patrícia Bichara Professoras: Geórgia De Sordi, Heloisa Amaral e Telma Palmieri
- Datas: 09/03/2026, 23/03/2026, 06/04/2026 e 20/04/2026
- Horário: das 19h30 às 21h

UNIDADE - SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

UMA LEITURA DO CASO DA JOVEM HOMOSSEXUAL DE FREUD

- Coordenação: Ana Paula Borges e Marisa Nubile
- Datas: 6/03/2026 e 13/04/2026
- Horário: das 20h às 21h30

UNIDADE - RIBEIRÃO PRETO

O INCONSCIENTE TRANSFERENCIAL NO CORAÇÃO DA PRÁTICA ANALÍTICA

- Coordenação: Eduardo Benedicto Professores: Fernanda Pizeta, José Danilo Canesin e Emmanuel Mello

- Datas: 12/03/2026, 26/03/2026, 09/04/2026 e 23/04/2026
- Horário: das 18h30 às 20h

ENSINO DE LACAN

- Coordenação: Maria Célia Reinaldo Kato e Emmanuel Mello
- Datas: 14/03/2026, 11/04/2026, 09/05/2026, 13/06/2026
- Horário: das 9h às 12h30

NÚCLEOS DE PESQUISA

SEDE - SÃO PAULO

A PRÁTICA LACANIANA NOS NOVOS TEMPOS E SUA TRANSMISSÃO

- Coordenação: Andressa C. Luz e Felipe Bier
- Datas: 02/03/2026, 16/03/2026, 30/03/2026, 13/04/2026 e 27/04/2026
- Horário: das 20h às 21h30

PSICANÁLISE COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES – NR CEREDA (CIRANDA SÃO PAULO)

- Coordenação: Camille Apolinário Gavioli e Raquel Diaz Degenszajn Colaboração: Silvia Jacobo
- Datas: 05/03/2026, 19/03/2026, 09/04/2026 e 23/04/2026
- Horário: das 11h30 às 13h

APRESENTAÇÃO DE PACIENTES E PSICOSES

- Coordenação: Fábio Saad e Alberto Guimarães
- Datas: 06/03/2026, 20/03/2026, 10/04/2026 e 24/04/2026
- Horário: das 14h às 15h30

PSICANÁLISE E AUTISMO

- Coordenação: Cynthia Gonçalves Gindro, Lilian Beiguelman e Paula Catunda
- Datas: 04/03/2026, 18/03/2026, 01/04/2026 e 15/04/2026
- Horário: das 11h às 12h30

CINECLUBE LACAN

- Coordenação: Eduardo C. Marchesan e Renata Perche
- Datas: divulgada conforme a disponibilidade do cinema

CIEN - Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança LABORATÓRIO CRIAR

- Coordenação: Maria de Fatima Santos Luzia e Cynthia Gonçalves Gindro
- Data: início em 02/02/2026 e as demais datas serão definidas a cada encontro
- Horário: das 20h às 21h30

CIEN - Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança LABORATÓRIO RUÍDO

- Coordenação: Aparecida Santa Clara Berlitz e Renata Perche
- Datas: Últimas quintas-feiras de cada mês
- Horário: das 14h30 às 16h

UNIDADE – CAMPINAS

PSICANÁLISE COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES – NR CEREDA (CIRANDA CAMPINAS)

- Coordenação: Claudia Santa Silva, Emelice Prado Bagnola e Tatiana Vidotti
- Datas: 11/03/2026, 25/03/2026, 08/04/2026 e 22/04/2026
- Horário: das 8h às 9h30

PSICANÁLISE, CORPO E MEDICINA

- Coordenação: Eduardo Camargo Bueno e James de Moura Valeriano
- Datas: 04/03/2026, 18/03/2026, 01/04/2026, 15/04/2026, 13/05/2026 e 27/05/2026
- Horário: das 12h às 13h30

CIEN - Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança LABORATÓRIO BOLA DE GUDE

- Coordenação: Tatiana Vidotti e Cláudia Regina Santa Silva
- Datas: 28/02/2026, 28/03/2026 e 25/04/2026
- Horário: das 10h30 às 12h

UNIDADE - RIBEIRÃO PRETO

ENCONTROS DE PSICANÁLISE E LITERATURA

- Coordenação: Vagner Arakawa e Emmanuel Mello
- Data e Horário: a confirmar com a Biblioteca Sinhá Junqueira de Ribeirão Preto

PSICANÁLISE E TOXICOMANIA

- Coordenação: Felipe Ortolani e Maria Célia Reinaldo Kato
- Frequência: Quinzenal, às quartas-feiras
- Datas: 04/03/2026, 18/03/2026, 08/04/2026 e 22/04/2026
- Horário: das 18h às 19h30

SEMINÁRIO CLÍNICO: A CLÍNICA DO CLIN-a

SEDE - SÃO PAULO

- Coordenação: Maria do Carmo Dias Batista e Paula Catunda
- Datas: 06/3/2026, 20/03/2026, 10/04/2026 e 24/04/2026
- Horário: das 11h às 13h